

BRASIL, BANDECCHI — 1 — “*Origem do Latifúndio no Brasil*”; 2 — “*Problemas de Imigração na Região Sul*”, in *Cadernos de História*, n.º 4 — Ed. Obelisco, 1967.

A reedição do n.º 4 dos *Cadernos de História* da Editora Obelisco, publicada recentemente, traz, além da *Origem do Latifúndio no Brasil*, conforme apareceu na Edição de 1964, um segundo título: “*Problemas de Imigração na Região Sul*”.

Os dois temas abordados por Brasil Bandecchi e englobados em uma mesma edição mostram aspectos diversos da História do Brasil. Como são temas diferentes, vamos estudá-los separadamente.

1. “*Origem do Latifúndio no Brasil*”

É uma nova edição “sem nenhuma alteração no seu texto histórico, porque entendemos que os documentos e autores citados são altamente importantes para o estudo da matéria e preenchem o nosso objetivo” — é o que nos diz o autor à p. 7. Procura Brasil Bandecchi dar uma visão global do problema latifundiário no Brasil, fixando-se mais demoradamente na sua origem.

Dá-nos notícia de nossa formação territorial e da posse e propriedade da terra, abordando os sistemas adotados pelo governo português para que a ocupação efetiva do solo se processasse. Analisa nos primeiros capítulos as sesmarias, depois as Capitanias Hereditárias, mostrando que embora se tentasse uma transplantação de sistemas já elaborados para o Brasil, não houve resultados satisfatórios e dessa forma, com a mudança no sistema administrativo, adotou-se o Governo Geral, época em que o A. fixa o aparecimento dos latifúndios. Estes são os capítulos mais ricos de informações.

Os capítulos seguintes, que abordam o problema no Império e na República, são muito sucintos. O próprio A., entretanto, nos diz que sua preocupação “era além de estudar as origens das grandes propriedades referir-se também à extinção das sesmarias em 1822, da Lei de 1850, o art. 64 da Constituição de 1891 e dos artigos 141, § 16, 147 e 156 da Carta Magna de 1946. Não se tratando de matéria alheia ao título do trabalho, julgamos que a referência cabia, para melhor esclarecer o leitor” (p. 16).

Creemos que estes esclarecimentos, no entanto, poderiam ser mais extensos e mais analíticos.

2. “*Problemas de Imigração na Região Sul*”

Este estudo nos dá idéia da ocupação da Região Sul do Brasil pelo imigrante europeu.

Depois de caracterizar o que entende por Região Sul e delimitá-la geograficamente dentro dos quadros brasileiros o A. mostra a heterogeneidade da população que a compõe. É um capítulo bem interessante.

Os demais abordam sucintamente os problemas ligados à imigração alemã (*), italiana e japonesa. O A. trata, como ele mesmo condiciona com o título proposto, de problemas ligados à Imigração na Região Sul, não estudando a imigração em si. Dessa forma, não teve a intenção de esgotar o assunto, mostrando somente alguns aspectos da imigração e como os diferentes elementos se dirigiram para partes diversas do Brasil e quais os problemas que tiveram de enfrentar.

(*) À p. 67, quando o A. cita em nota de rodapé uma informação nossa, desejamos esclarecer que a mesma se encontra em Livro Especial de Registro de Casamentos, presididos por oficiais da Câmara. Esta obra se encontrava na Câmara Municipal de Rio Claro, em 1963, e agora deve estar incorporada ao acervo do Museu Histórico e Pedagógico «Amador Bueno da Veiga», daquela cidade.

Notamos na obra uma diferente maneira de fazer a indicação bibliográfica. Na introdução, o A. coloca as indicações de obras no corpo da matéria e nos capítulos que compõem os dois temas ele modifica a maneira de indicar, fazendo-o em notas de rodapé. Creemos ser mais interessante, numa mesma obra, a uniformidade de indicações para maior facilidade do leitor. — J. S. WITTER.



LIMA, R. A. DA ROCHA — *Crítica e Literatura*, 3.^a edição, Prefácio de Capistrano de Abreu, Introdução e Notas de Djaclir Menezes, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará ("Coleção Carnaúba", vol. 5), 1968, 367 pp.

1. Não é exagero afirmar que, a partir de 1870, constituiu-se o que se pode chamar de mentalidade nacional, abrindo caminho para as transformações que iriam orientar a vida do País nos mais diversos setores. Culminando com a República, no campo político, era, todavia, um amplo e variado elenco de novos projetos que ainda precisariam ser discutidos e afirmados por mais de vinte anos, a par de modificações substanciais nas estruturas econômica e social — resistentes, como não podiam deixar de ser, às conseqüências mais objetivas e materiais daquele "bando de idéias novas" que, segundo Silvio Romero, "esvoaçou sobre todos nós de todos os pontos do horizonte". No mesmo texto em que assim caracteriza o momento por ele datado entre 1868 e 1878, numa quase marcação autobiográfica em que à sua evolução intelectual juntava a precedência da Escola do Recife, informa-nos quais aquelas idéias:

"Positivismo, diz êle, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola do Recife ("Explicações Indispensáveis", in Tobias Barreto, *Vários Escriptos*, Edição do Estado de Sergipe, 1926, p. XXVII)".

Na verdade, somente a partir da década de 70 é que o movimento deixaria de ser localista, girando em torno de Tobias Barreto e da Escola do Recife, para se transformar numa espécie de atmosfera respirada por todo o País. É que alguns acontecimentos (questão religiosa, manifesto republicano, guerra franco-prussiana, intensificação do movimento abolicionista) iriam provocar mais vivamente a discussão de seus pressupostos, tirando-os dos Gabinetes e Academias para o debate mais amplo dos jornais e revistas. É possível dizer, portanto, que, iniciada a década seguinte, o movimento de renovação estava amadurecido e pronto a produzir as obras pelas quais tecera as armas da polémica destruidora contra um passado imperial e romântico, ainda bem recente.

Assim, por exemplo, um dos órgãos em que melhor se cristalizaram as novas orientações do pensamento nacional — a *Revista Brasileira*, na segunda fase, dirigida por Henrique Midosi e Frânklin Távora — publicou-se entre 1879 e 1881.

Não há dúvida, entretanto, que fôra na década anterior que se processaram as condições necessárias para o *tournant* decisivo do pensamento brasileiro em fins do século XIX.

Todavia, apesar de sua importância para a compreensão e definição da cultura nacional posterior, o momento de 1870, não obstante alguns estudos excelentes sobre ele realizados, principalmente como fundamentos para análises particularizadas, é ainda medlocremente conhecido.

Dentre aquêles estão textos como os de Hermes Lima sobre Tobias Barreto e de Antônio Cândido sobre Silvio Romero, os quais, embora façam ressaltar elementos de compreensão de forma admiravelmente lúcida, não são, está claro, estu-